

Artigos Originais

Pesquisa em Saúde Coletiva como instrumento de transformação social: uma proposta fundamentada no pensamento hermenêutico-dialético

Research in Public Health how social change instrument: a proposal based on the hermeneutic-dialectical thinking

Dalvan Antônio de Campos¹

Jeferson Rodrigues²

Rodrigo Otávio Moretti-Pires³

¹Acadêmico de Nutrição, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC-Brasil

²Professor Doutor, Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC-Brasil

³Professor Adjunto, Departamento de Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC-Brasil

RESUMO - Mais do que uma forma de se criar conhecimento, a pesquisa qualitativa historicamente fundou-se em tradições de pensamento que buscam transformações na sociedade a partir da práxis, dando voz aos silenciados pelas contradições societárias. Nascido do debate teórico entre Gadamer e Habermas, o pensamento hermenêutico dialético (HD), como as demais hermenêuticas, se insere na perspectiva interpretativa das metodologias qualitativas. Partindo do pressuposto que a Saúde Coletiva possui como três pilares a Epidemiologia, a Gestão/Planejamento e as Ciências Sociais, o artigo revisita os fundamentos das metodologias qualitativas e propõe a articulação de técnicas de levantamento de informações com enfoque na HD para o uso em investigações em Saúde Coletiva, como uma ferramenta de entendimento, crítica e transformação social.

Palavras-chave: Saúde Coletiva; Metodologia de Pesquisa; Pesquisa Qualitativa; Hermêutica-dialética.

ABSTRACT- More than one way to create knowledge, qualitative research historically founded on traditions of thought that seek change in society from the practice, giving voice to those silenced by societal contradictions. The thought hermeneutic dialectic (HD) born of the theoretical debate between Gadamer and Habermas, its place in interpretive perspective of qualitative methodologies. Assuming that the Public Health has three pillars as the Epidemiology, Management / Planning and Social Sciences, the article revisits the fundamentals of qualitative methodologies and proposes a combination of techniques for gathering information with a focus on HD for use in investigations in Public Health as a tool of understanding, critique and social transformation.

Keywords: Public Health; Reserch Methodology; Qualitative Inquiry; Hermeneutical Dialectical.

1. SOBRE CIÊNCIA, IDEOLOGIA E PESQUISA QUALITATIVA

O debate a cerca do que é científico e o que não o é permeia a história dos diversos campos da pesquisa. A dicotomização entre fenômenos mensuráveis e não mensuráveis oportunizou discussões importantes no transcurso do desenvolvimento científico. Neste contexto insere-se a questão das metodologias de naturezas quantitativas e as qualitativas.

O advento do incomparável progresso técnico-científico do século XX firmou a preponderância das perspectivas quantitativas e as laboratoriais, remodelando a conceituação de ciência e do científico no senso comum, com modelos aplicados à maioria dos casos, na maioria dos lugares, para as características gerais dos homens. No entanto, o geral traz em si uma mácula – generalizar é reduzir, haja

vista que o fenômeno do individual só o é como tal, pelas características que lhe garantem particularidades que não são gerais.

Com certeza, estes avanços técnicos oportunizaram ganhos no sentido de possibilidade de melhorar a vida humana. No entanto, não se pode afirmar que estas melhorias se apliquem à sociedade como um todo, mesmo com o comércio mundial

Autor correspondente

Rodrigo Otávio Moretti-Pires

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Saúde Pública. Campus Universitário, Trindade
88040-900 - Florianópolis, SC - Brasil
Telefone: (48) 37219388 - Ramal: 208
Email: rodrigomoretti@ccs.ufsc.br

Artigo encaminhado 07/08/2012

Aceito para publicação em 17/010/2012

havendo triplicado, aumentando a produção de informação, conhecimento e tecnologia^{1,2}. Em decorrência, há a produção de situações contrastantes em termos de oportunidades e de privação, com conseqüente aumento das desigualdades no acesso aos recursos globais¹.

Para Kuhn³, a ciência tem um componente histórico importante, construindo o conceito de paradigmas científicos, que trata do arcabouço conceitual específico, com suas crenças, valores e técnicas aceitas como válidas por determinado grupo de pesquisadores, através do qual o universo empírico é apreendido por esta comunidade.

Um exemplo de como a subjetividade está, em certa medida, implicada no que é considerado válido em ciência pode ser encontrado no trabalho de Stotz, Griffiths e Knight⁴. Estes autores investigaram a conceituação de 250 pesquisadores do campo da genética sobre o gene e suas implicações. Os resultados destes autores indicam que apesar da objetividade aclamada pelos geneticistas entrevistados, existe certa carga de crença e metafísica na fundamentação epistemológica das conceituações, implicando um componente subjetivo, mesmo nas decorrências das pesquisas empreendidas.

Segundo Denzin e Lincon⁵, a pesquisa qualitativa – em particular a estadunidense – apresenta uma história ideológica inicialmente ligada a um caráter ‘colonialista’, no sentido de alguém que olha e avalia “o outro”, sendo utilizada como forma de entender para dominar. Na década de 1960, deu-se uma verdadeira batalha entre pesquisadores quantitativos e qualitativos, sendo que os primeiros relegaram aos últimos um papel secundário na comunidade científica, o que promoveu uma ruptura epistemológica com a ideologia ‘colonialista’, adotando a abordagem da pesquisa como instrumento de emancipação da opressão, fundamentando ainda mais a opções pelas abordagens que valorizam o entendimento da realidade a partir daquele que vivencia a temática.

Para estes autores, há certa intencionalidade na tradicional resistência à metodologia qualitativa, tomada pelos segmentos políticos e predominantes no “mundo da ciência” como não científica, apenas exploratória, ou subjetiva⁵. Também há a reincidência histórica, com a adoção de vestimenta epistemológica, se a metodologia qualitativa serve apenas como teorização ou se pode ser tomada como ciência. Estes debates fundam-se nas bases epistemológicas e, em sentido kuhniano, ideológicas das ciências positivistas e das ciências interpretativas.

Segundo Denzin & Lincon⁵, esta disputa pela ‘verdade’ entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, apesar de antiga e defendida como ultrapassada, adota novas formas de manifestação. Conforme apresentado por Lather⁶ (2004), os aspectos políticos nos quais este debate se insere induziram setores do governo estadunidense, através do National Research Council, a recomendar critérios positivistas de validade em campos de pesquisa tradicionalmente qualitativos, como a educação. A disparidade de fomento para a pesquisa qualitativa e para a quantitativa é outro indício, segundo Lather⁶, sobre o componente político-ideológico do que é científico.

Neste movimento, há ‘enviesamento’ na avaliação do ‘científico’ e do ‘não científico’, uma vez que nestas recomendações, mesmo para o campo da educação, o modelo preconizado torna suspeita a vertente qualitativa, já que prioriza a precisão no definir das variáveis e os modelos causais estudados⁵.

Concordando com o viés político implicado na desvalorização da pesquisa qualitativa a partir de seu rompimento com o colonialismo e a opção de seu uso para a reflexão societária, Maxwell⁷ acredita que há que se preservar o caráter crítico social essencial da pesquisa qualitativa, como um instrumento de crítica da sociedade, preocupando-se com o significado e a interpretação das informações, mas com importante ênfase no contexto e nos processos de construção social dos quais emergem os dados qualitativos, mantendo o trabalho científico como ferramenta de mudanças na sociedade.

2. A VERTENTE INTERPRETATIVA DA PESQUISA QUALITATIVA E A HERMENÊUTICA DIALÉTICA

O questionamento das medidas em contraste com os significados, o não-reducionismo, a importância do contexto situacional e da compreensão da experiência de vida, são características defendidas pelos pesquisadores de abordagem qualitativa, orientados e influenciados por diversas tradições filosóficas⁸.

Para Denzin & Lincon⁵, a pesquisa qualitativa se caracteriza como tal pela ênfase na qualidade das entidades, processos e significados dos fenômenos investigados, e que não são mensuráveis ou examináveis experimentalmente nos parâmetros de quantidade, soma, intensidade ou frequência. Mais do que generalizar, a investigação qualitativa procura aprofundar os aspectos societários dos sujeitos em seu viver cotidiano.

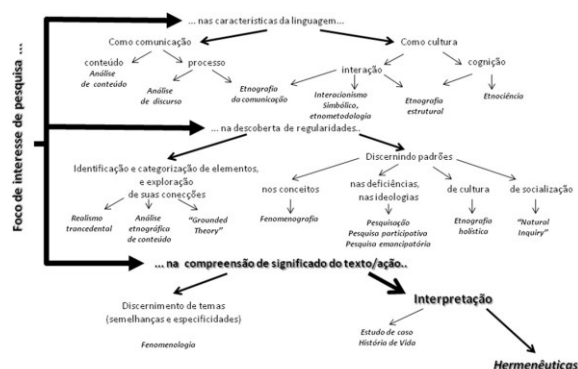
Os pesquisadores das metodologias qualitativas enfatizam a natureza

socialmente construída da realidade, a relação íntima entre o pesquisador e o que é estudado, e as restrições situacionais que contornam a informação. Eles procuram respostas para questões que enfatizam como a experiência social é criada e recebem significado. Em contraste, os estudos quantitativos enfatizam a mensuração e análise das relações de causalidade entre as variáveis, e não processo. Os defensores de tais estudos afirmam que são feitos a partir de um modelo não intencional⁵.

Para Tesch⁹, as diversas metodologias caracterizadas como qualitativas têm na ‘informação’ sua pedra fundamental, como material empírico de trabalho. Defende que, falando estritamente, não existe pesquisa qualitativa. Existem apenas dados qualitativos. Pesquisa qualitativa, como o termo é usado por muitos estudiosos, significa certa abordagem à produção de conhecimento. Os dados qualitativos referem-se, inclusive, a outras informações além das palavras, incluindo as informações não-verbais. As palavras são parte da linguagem e da comunicação, sendo fundamentais, mas não exclusivamente importantes na abordagem qualitativa da ciência.

Tesch⁹ classifica 27 tipos de pesquisa qualitativa, de acordo com três grandes questões de fundo: a busca pelas características da própria linguagem; a busca por descoberta de regularidades na experiência humana; a busca pela compreensão do significado do texto ou ação. Com base nestas três grandes vertentes, a autora propõe a representação gráfica a seguir.

Figura 1: Síntese das principais vertentes e seus tipos de pesquisa qualitativa, adaptado de Tesch (1990).



Mills & Huberman¹⁰ afirmam que, diferente da neutralidade entre pesquisador e objeto de pesquisa

aclamada pela ciência quantitativa, a pesquisa qualitativa é conduzida em um contato intenso e prolongado entre estes, inclusive por que se preocupa com o cotidiano, refletindo a vida diária dos indivíduos, grupos, sociedades e organizações. Essa imersão permite ao pesquisador qualitativo uma visão holística em sua investigação, observando os contextos de estudos em suas lógicas circunstanciais, argumentos empíricos, aspectos explícitos e aspectos implícitos. Estes pesquisadores procuram apreender as informações profundas, na percepção dos atores inseridos no contexto, mais características de suas potencialidades como ferramenta de transformação social.

Contrariamente ao discurso ideológico de que a parcialidade trata-se de um posicionamento não científico, Mills & Huberman¹⁰ defendem que a pesquisa qualitativa apenas assume este aspecto de imersão do pesquisador no contexto da pesquisa, mas que, não é por isso que não existe rigor. Muito pelo contrário, as interpretações das informações qualitativas devem passar pelo rigor da teoria, de seus caminhos e em consistência interna com os fundamentos que a delimitam em seus alcances e limites.

Creswell & Clark¹¹ apresentam como uma característica da pesquisa qualitativa a valorização da ‘voz’ do entrevistado – no sentido de que o importante é a própria palavra deste e não o que o pesquisador acredita ser a manifestação do fenômeno investigado. O pesquisador imerge no campo empírico com algumas expectativas em relação às possibilidades de respostas dos sujeitos, mas sem fechar-se apenas nestas possibilidades, de forma que os questionamentos são construídos sem respostas previamente estabelecidas, ou seja, a resposta à pergunta é aberta.

Adentrando ao terreno das hermenêuticas, dentro do qual se insere a hermenêutica dialética, há que se registrar que sua fundamentação tem foco de interesse na compreensão dos significados das informações qualitativas oriundas do empírico. Assim, podemos categorizá-las como percursos metodológicos que primam pela interpretação^{9, 10, 12}.

Para Baumann¹², as hermenêuticas inserem-se em uma família de abordagens como a fenomenologia e o existencialismo, cujas contribuições científicas referem-se à compreensão dos fenômenos a partir da interpretação dos mesmos.

Resgatando as bases filosóficas da vertente interpretativa, Dilthey categoriza ontologicamente a

ciência em duas vertentes, com modos de apreensão, conceitos e lógicas de interesse diferentes sobre a realidade: as ciências da natureza - com lógica generalizante - e as ciências do espírito - com lógica individualizante¹³.

Dilthey defende que as ciências sociais e humanas - ciências do espírito - sustentam historicamente a construção e entendimento do mundo nos sentidos da vivência, da expressão e da compreensão sobre estas¹⁴. A compreensão é, para este filósofo, um diálogo em que a interpretação ocorre sempre com referência ao contexto pessoal, que é histórico e ao mesmo tempo compartilhado com a estrutura social em que o intérprete se insere¹².

A partir desta perspectiva, “estabelece o relacionamento entre experiência e realidade (...) ou ainda ‘empíria e não empirismo’”¹⁴.

Para Dilthey, o conhecimento fundamenta-se na vivência e, portanto, é relacional entre o vivente e o mundo¹⁴. Neste sentido é que o filósofo defendia que o discurso e as ações humanas não poderiam ser analisados pelas ciências físicas e naturais¹⁰. Em uma perspectiva de definições conceituais, a atividade humana deve ser abordada como um ‘texto’, como uma ‘coleção de símbolos’ que expressam camadas de significados, os quais podem ser apreendidos pelo pesquisador das chamadas ‘ciências do espírito’¹⁰.

Sustentado neste pensamento, Gadamer¹⁵ considera que a vivência tem um caráter auto-interpretativo, relacionado à chamada “estrutura hermenêutica”. Também a vivência humana traz em si todas as categorias objetivas na relação do homem com o mundo, que é auto-interpretativa no sentido que a vivência permite ao homem o estabelecimento dos critérios para valores, significados, expressões, idéias e ideais segundo os quais cria-se a tessitura do mundo histórico-social humano¹⁴.

É essa tessitura da vivência em cada palavra, frase, gesto e formas de expressão, que permite manifestação e entendimento, o que é comum aos seres humanos na vida vivida, segundo Dilthey e Gadamer¹⁴. O entendimento e o auto entendimento se dão nesta esfera de vivência, já que “Tudo que se compreende traz em si, por assim dizer, o marco do que é conhecido a partir de tal comunhão. (...) Nesse mundo histórico e compreensível estamos por toda parte em casa, compreendemos o sentido e o significado de tudo, nós próprios somos tecidos nessa coisas comuns”¹⁴.

Supondo, a partir destes pensamentos, que o humano e sua vivência tem o caráter auto-

interpretativo, em que os seres buscam significado e propósito nas situações concretas de suas vidas, interagindo nestes e com estes, nas investigações baseadas nos aspectos humanos, a interpretação se constitui como importante vertente de análise para desvelar o que os seres humanos têm compartilhado sem negar diferenças importantes¹².

Dadas estas características situacionais e dinâmicas das informações do viver humano, não há como separar os pesquisadores dos seus objetos de estudo e de seus informantes. Os conceitos, convicções e orientações do pesquisador são importantes e implicados no processo de pesquisa, uma vez que são membros de uma cultura em particular, em um momento histórico específico¹⁰.

Segundo Baumann¹², a hermenêutica tem sua sustentação na reflexividade sobre a ‘experiência humana’ que, aplicada à pesquisa qualitativa voltada para a prática – tal como pode ser pensado em Saúde Coletiva, deve compreender três perspectivas de maneira integrada: se aterrada no ‘mundo da vida’ como ponto de partida; refletir sobre o conhecimento como contextual e dinâmico, modulado pelo posicionamento de pesquisador e de sujeitos; que há um componente existencial contido na linguagem e na comunicação, tanto quanto na interpretação.

Ricouer¹⁶ contribui para as hermenêuticas, tanto por primar pela interpretação fundamentada no rigor, indicando um caminho pelo qual o processo hermenêutico deve seguir certos padrões de argumento que possibilitem a avaliação das diferentes interpretações. Outra contribuição foi a afirmação de que não apenas o texto escrito é fonte para a interpretação, já que diversas formas de manifestação humana apresentam significado. A implicação dessa contribuição é que as descrições dos fenômenos, como texto, estão abertas a múltiplas leituras e interpretações, dependendo da perspectiva pessoal e contexto histórico, sendo a tarefa do pesquisador encontrar um modo viável de interação com o texto.

Para Gadamer, os seres humanos interpretam constantemente seu viver, explícita ou implicitamente, sendo que a interpretação é intrínseca à experiência humana¹².

No entanto, há que se considerar que Gadamer não propôs um método ou metodologia para pesquisa, mas sim explora filosoficamente as possibilidades de interpretação, sendo o exercício de sua hermenêutica uma postura epistemológica e não um procedimento a ser seguido¹⁷. Três conceitos chave são fundamentais para a compreensão do trabalho de Gadamer: o

círculo hermenêutico, o diálogo e a fusão de horizontes.

O círculo hermenêutico é uma metáfora tomada de Heidegger, usada por Gadamer para descrever a experiência de mover-se dialeticamente entre as partes e o todo. No entanto, Gadamer coloca uma forte ênfase na linguagem, afirmando que esta e sua historicidade abastecem o círculo hermenêutico com a esfera do comum, na perspectiva ontológica¹⁷. Neste sentido, para Gadamer compreensão, como uma forma de conversação entre comunicante e intérprete, é sempre uma relação de reciprocidade¹⁷.

Na perspectiva de Gadamer, o "(...) entendimento é sempre parte de um diálogo, e, conseqüentemente, é diálogo por natureza"¹⁸. O diálogo implica no entendimento da lógica da resposta à pergunta, considerando que o verdadeiro poder da consciência hermenêutica "é a nossa capacidade de ver o que é questionável"¹⁹. Na sequência de Sócrates, reconheceu três tipos diferentes de perguntas: retóricas, pedagógicas e genuínas. Questões genuínas definem o verdadeiro diálogo e estes levam em várias direções possíveis e diversas respostas possíveis, não sendo um procedimento arbitrário, porque uma questão sempre está relacionada com uma resposta que se espera no texto. "O horizonte do texto apresenta questões ao intérprete e o intérprete, por sua vez, define as questões em relação àquilo que foi levantado no diálogo"¹⁸. O entendimento ocorre quando nos entregamos ao movimento de pergunta e resposta. Para um texto se tornar um objeto de interpretação, ele deve falar sobre a questão do intérprete, que nos leva a uma descoberta do novo, de algo não reconhecido anteriormente¹⁷.

O terceiro conceito chave, a fusão de horizontes, é outra metáfora para o entendimento. Para Gadamer, a interpretação sempre ocorre através da fusão de horizontes, definindo-os como a amplitude de visão que inclui tudo o que pode ser visto, a visão de um ponto de vista particular. Neste sentido, o horizonte é dinâmico e impelido à constante mutação¹⁸. Mas Gadamer¹⁹ afirma que os horizontes são temporais, uma pessoa não tem um horizonte fechado, ele está sempre em movimento. "O movimento histórico da vida humana consiste no fato de que nunca é totalmente vinculado a qualquer um ponto de vista e, portanto, nunca pode ter um horizonte verdadeiramente fechado"¹⁹. A fusão destes horizontes, entre intérprete e entrevistado, se dá quando o primeiro permite pensar-se na lógica do outro, em uma postura comunicativa, em que o sujeito influencia o intérprete que considera suas as idéias,

expressões e contextos sociais, dando-lhe voz. A fusão de horizontes se dará pela comunicação entre o contexto social - que inclui os horizontes culturais e históricos dos participantes - e as interfaces histórico-ideológicas próprias do intérprete. Neste sentido, Gadamer¹⁹ afirma que a postura hermenêutica supõe a expressão das opiniões e preconceitos do próprio intérprete, permitindo o vislumbre das amplitudes e limitações do produto interpretativo.

Assim, a idéia de interpretação para Gadamer inclui manter o diálogo aberto. As entrevistas e conversações são não-diretivas, de modo que os sujeitos sejam capazes de contar suas dificuldades da forma como as percebem. Esta abordagem está em contraste com os entrevistadores dirigirem o curso da entrevista ou usarem perguntas definidas. A entrevista flui conforme o entrevistado deseja, sendo controlada pelos interesses, significados e importâncias para este, e não para o pesquisador, dando-lhe voz no seu próprio contexto¹⁷.

Gadamer advoga, assim como outros pensadores das mais diversas épocas, que a fala revela aspectos do ser, mas defende que existem partes que não podem ser alcançadas pela linguagem¹⁸.

A linguagem esclarece aspectos do ser, isto é, torna-a compreensível à consciência humana, (...) mas o ser constantemente supera nossa habilidade de expressá-lo. O ser é sempre ir além da nossa habilidade de expressá-lo, não somente por que a linguagem é limitada, mas também porque o ser é revelado e oculto pela linguagem. (...) Até mesmo uma proposta, como uma declaração sobre o mundo, contém ambos, o dito e o não-dito. O dito é obviamente aquilo que a proposta apresenta, mas o não-dito é aquilo que a motiva, o que questiona que a proposta em si responde. (...) podemos considerar, de maneira justificável, a proposta como uma resposta a uma questão prévia e, conseqüentemente, este elemento do não declarado e do não-dito envolve todas as declarações e propostas. A tarefa da hermenêutica é descobrir e revelar o não-dito, atraindo-o para um diálogo explícito com o dito¹⁸.

Ao passo que Gadamer desenvolveu o pensamento hermenêutico nas bases proclamadas anteriormente, outro importante teórico estabeleceu críticas às ideologias: Jürgen Habermas. Para este, de base marxista, a dialética é um pressuposto básico da ciência, em sua manifestação como análise crítica. O próprio materialismo histórico dialético será criticado

por Habermas, tomando o trabalho e a produção não mais como categoria central para análise, mas sim como ação instrumental. No entanto, não abandona o pensamento marxista, tomando-o como fundamental para análise das relações²⁰.

Habermas²¹ irá se contrapor à Gadamer, afirmando que o maior problema da hermenêutica é a ontologização da própria hermenêutica. “Sentimo-nos tentados a colocar Gadamer em campo contra Gadamer e comprovar-lhe hermeneuticamente: (...) por que assume um conceito não-dialético de esclarecimento a partir a perspectiva restrita (...)”²². Segundo Stein²³ “(...) Habermas é insistente em afirmar que é o pensamento crítico dialético que capta a necessidade da reflexão que a hermenêutica não leva até as últimas conseqüências”.

Também que a linguagem apresenta um papel fundante no pensamento, mas não pode ser entendida sem ser criticada, já que há um caráter ideológico e, por tanto, distorcido na linguagem, moduladas pelos interesses dos envolvidos. É nesse ponto que Habermas categoriza sua teoria como a ‘crítica das ideologias’²⁰.

Dada a presença da ideologia como moduladora da linguagem, o trabalho e o poder são elementos que interferem no livre entendimento, partindo dos interessados. “(...) nós só podemos decifrar as partes de um texto se anteciparmos sempre uma compreensão do todo, por mais difusa que seja essa compreensão; e, ao contrário, só podemos corrigir esta tomada prévia, na medida em que explicitamos as partes singulares”²².

Na percepção de Habermas²¹, a interferência das instituições na linguagem produz a dominação entre os homens. Esta idéia limita, assim, a pretensa universalidade da hermenêutica.

Falar um com o outro significa as duas coisas: efetivamente entender-se e poder se fazer compreensível no caso dado. O papel do parceiro de diálogo também contém virtualmente o papel dos intérpretes, isto é, daqueles que não se movimentam apenas em uma língua, mas podem introduzir um entendimento entre diversas línguas²².

A interpretação é contextual, por conseguinte. Dinâmica e modulada por forças e interesses sociais, políticos e econômicos, imergindo no campo das

relações de poder. Este é um ponto que Habermas não nega, ao criticar o positivismo científico.

Os conceitos científicos precisam se articular com os esquemas interpretativos do próprio agente. As construções conceituais esgotam e reconstróem a reserva do saber prévio legado pela tradição, um saber que dirige e interpreta a práxis cotidiana. As construções científicas são construções de segundo grau²².

A dialética entre as partes e o todo é um aspecto importante da crítica de Habermas a Gadamer, que além de histórica, é contextual e intersubjetiva – diferente da universalidade pretensa da hermenêutica filosófica²².

Dos debates travados nas décadas de 1960 a 1980 entre dois teóricos, de dois paradigmas contraditórios e que reivindicam para si um caráter de universalidade, surge o pensamento hermenêutico-dialético, forjado no idealismo-interpretativo de Gadamer e aperfeiçoado com o debate e a crítica à ideologia por Habermas. “Gadamer e Habermas aprenderam ambos de seu confronto”²⁰.

Como afirma Habermas²² a apropriação de conteúdos de sentido legados realiza-se em um plano, no qual são decididos os esquemas de uma concepção possível de mundo. Essa decisão não é tomada independentemente de se tal esquema se conforma ou não em uma situação dada e previamente interpretada. Por isto, não faz sentido coordenar a compreensão hermenêutica ou bem à teoria ou bem a experiências; ela é as duas coisas e nenhuma das duas totalmente. (...) Um estranhamento controlado pode alçar a compreensão de um exercício pré-científico para o nível de um procedimento refletido. Desta maneira, modos hermenêuticos de procedimento também se inserem nas ciências sociais. (...) Eles são igualmente importantes na escolha do quadro categorial, quando não queremos nos comportar ingenuamente ante o próprio conteúdo inevitavelmente histórico das categorias mais universais.

O pensamento hermenêutico-dialético fundamenta-se nos conceitos gadamerianos sobre a interpretação. No entanto, parte de postura que pensa a crítica como fundamental dentro do processo de compreensão, conforme preconizado por Habermas.

Gadamer pensa, sobretudo na separação adotada por Habermas, entre uma tradição de origem natural remanescente e a apropriação reflexiva da mesma. A gente pode certamente destacar-se reflexivamente de uma determinada tradição, mas a tradição que se coloca ante os olhos, só se torna compreensível com base em questionamentos críticos e expectativas de sentido, que não são eles próprios plenamente refletidos em seu todo. Um saber crítico-reflexivo por parte da hermenêutica também é requerido (...)²⁰.

Stein²³ afirma que a hermenêutica e a dialética convergem nos aspectos da importância da linguagem e sua significação; também da inexistência de imparcialidade na ciência. Para este autor, o rompimento de ambos os caminhos do pensamento com a tradição positivista é imenso, além do que sua união permite a compreensão crítica dos processos sociais.

Com esta abordagem, a interpretação pode se constituir como processo de crítica às contradições da sociedade e para transformá-la, em movimentos complementares. “O método dialético e o método hermenêutico se relacionam através de um contato que não se constitui ao modo de fundante e fundado”²³.

Minayo²⁴ afirma que a complementaridade da hermenêutica e da dialética é importante no sentido de “produção de racionalidade em relação aos processos sociais e, por conseguinte, em relação ao processo saúde-doença”. Também Stein²³ caminha neste sentido, defendendo que dialética e hermenêutica são a afirmação extrema do significado prático da razão humana, no seu sentido mais forte. Não simplesmente porque esses dois métodos têm a práxis como objeto, mas porque não há práxis no seu sentido pleno sem que pressuponha os horizontes do pensamento dialético e hermenêutico.

3. PROPOSTA DE MODELO HERMENÊUTICO DIALÉTICO PARA PESQUISA EM SAÚDE COLETIVA

O pensamento hermenêutico-dialético traz perspectivas potenciais para a pesquisa em Saúde Coletiva. O viver humano e sua interface no processo saúde-doença podem ser abordados cientificamente como fenômeno de caráter complexo, vez que este campo de conhecimento tem como pilares a Epidemiologia, as Ciências Humanas e Sociais em Saúde, e a Gestão/Planejamento de serviços²⁵.

Ressalta-se que pensar Saúde Coletiva através do paradigma da complexidade não se refere à adjetivação de determinado fenômeno de aspectos múltiplos, mas sim à "complexidade" enquanto referencial teórico-filosófico e epistemológico. O complexo origina-se do emaranhado de eventos, interações, retroações, incidentes, que constituem o mundo dos fenômenos^{26,27}. Não pressupõe eliminação da simplificação, mas uma perspectiva integradora, assumindo lacunas que surgem entre as explicações do paradigma da simplificação quando este não se mostra suficiente perante dificuldades empíricas e dificuldades lógicas.

Deve-se ressaltar que o pensamento complexo não tem pretensão de ser completude²⁶. As disciplinas - categoria organizacional do conhecimento científico - se pautam na especialização do trabalho. São delimitadas em si mesmas e revestem-se de autonomia nas suas técnicas de condução, elaboração e utilização, circunscrevendo-se à(s) teoria(s) a que se refere(m). Paradoxalmente, "o homem é simultaneamente biológico e não-biológico"²⁶ e a segregação de ambas as dimensões "[...] nos impõe sempre uma visão mutilada. Mas, além disso, o homem não é somente biológico-cultural. É também espécie-indivíduo, sociedade-indivíduo; o ser humano é de natureza multidimensional"²⁶.

Ianni²⁸ apresenta que mesmo a Epidemiologia e sua aproximação das ciências naturais implicam no fenômeno saúde-doença com dimensões biológicas, mas não se consegue escapar das dimensões sociais/societárias. Silva²⁹ apresenta que a Saúde Coletiva é um espaço de conversação, de diálogo e de significados sociais, culturais e políticos, sendo que a expressão e o expressar-se fundamentam-se em tradições e usos peculiares, se aproximando da visão Gadameriana. No entanto, estes conceitos não estão “alheios ao mundo em que foram produzidos, ainda que haja uma incompletude ou movimento incessante de produção sónica”, o que lhe garante uma postura dialética sobre o campo da Saúde Coletiva.

Em termos da Gestão/Planejamento, o caráter comunicativo, interpretativo e dialético é defendido por Spagnol³⁰, para qual o sujeito é social e coletivo, o que implica em reflexões sobre a prática gerencial, principalmente no sentido de se contrapor a administração científica, que desconsidera os primeiros aspectos da Gestão.

Uma consideração importante é feita por Lawler³¹, que afirma haver certo fundamentalismo que deve ser criticado, relativo à operacionalização metodológica nas investigações de caráter qualitativo, quando há

excessos equivocados de que seguir os "passos" metodológicos é mais importante do que apreender as idéias teóricas que permitem a aproximação do fenômeno investigado, justamente uma das críticas fundamentais à pesquisa quantitativa por sua pré-determinação do como fazer e do que coletar no empírico.

Neste debate de controvérsias, muito se questiona em que medida os princípios filosóficos que fundamentam as pesquisas qualitativas podem ser utilizados dentro das preocupações mais pragmáticas^{32, 33}.

A possibilidade de interpretação dialética dos fenômenos não desobriga o uso da hermenêutica dialética de procedimentos metodológicos. Neste sentido, a presente proposta de modelo fundamenta-se na tradição da pesquisa qualitativa em que existem alguns procedimentos comuns às demais opções metodológicas desta vertente. Partindo deste pensamento e assumindo as peculiaridades da postura hermenêutico-dialética, construiu-se o quadro a seguir:

Quadro 1: Recomendações para o uso do pensamento hermenêutico-dialético nas pesquisas qualitativas em Saúde Coletiva.

- **O objeto não deve dobrar-se ao método, mas sim o método ao objeto** - recomendação de fundo epistemológico, primando que a opção pelo uso do método qualitativo – e da hermenêutica dialética em decorrência – deve ser feita não por desconhecimento do método quantitativo, mas sim por uma opção consciente do uso da pesquisa qualitativa como instrumento de mudanças, para dar voz aos silenciados/oprimidos no processo de determinação social da saúde.
- **O empírico não deve dobrar se ao pesquisador, mas sim o pesquisador ao empírico** – postura interpretativa, que exige a auto-crítica do pesquisador em saúde, em que o mesmo deve estar aberto às informações que emergem da ida ao campo, com a convicção de que muitas surpresas e padrões de pensamento

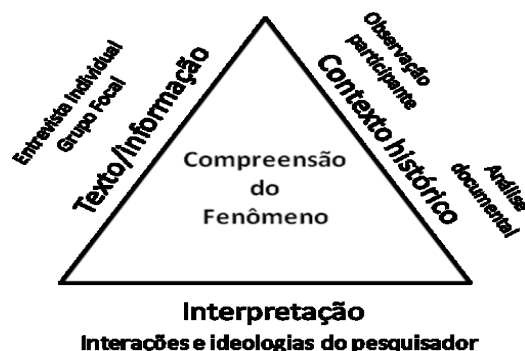
não previamente determinados podem e devem surgir no confronto da teoria e intenções do pesquisador com a empírea.

- **A interpretação é um ato relacional entre empírea e pesquisador, mediado pela comunicação** – a leitura e interpretação dos dados são contextuais, sendo mediada pelo texto/forma de registro, mas não é absoluta e nem realista, sendo produto da interação entre texto/registo e intérprete.
- **O produto da pesquisa é a interpretação, que não é a verdade em si, mas uma leitura da interação entre pesquisador e informações da empírea** – mesmo os resultados da pesquisa não apresentam um caráter de verdade, sendo interpretativos, e como tal, fruto da interação de forças e interesses.
- **Modulando o explícito, há componentes implícitos tão ou mais importantes que os primeiros** – desvelar os sentidos e direções das forças que modulam o discurso e a interpretação são fundamentais e, muitas vezes, mais enriquecedores para o entendimento do fenômeno, do que o conteúdo explícito por si mesmo.
- **Há historicidade e dialogicidade em todos os atos humanos** – neste sentido, o aspecto histórico está implicado tanto no objeto de pesquisa, como no intérprete e no próprio ato de pesquisar, sendo contextual.

Adotando os pressupostos de que a Saúde Coletiva é um objeto complexo, em que existe um componente importante de determinação social dos fenômenos de interesse; e que o pensamento hermenêutico dialético tem potencial como instrumento para desvelar este campo de pesquisa, contribuindo para a mudança e transformação, elaborou-se um modelo

hermenêutico-dialético para pesquisas em Saúde Coletiva, conforma apresenta-se a seguir (Figura 2).

Figura 2: Modelo de abordagem hermenêutica dialética, aplicado à Saúde Coletiva.



Não há pretensão de se criar um protocolo de pesquisa, tanto em termos de coerência com o pensamento hermenêutico-dialético, como pela certeza de que os procedimentos metodológicos em pesquisa qualitativa devem adequar-se aos seus objetos, sendo mais importante dar voz ao oprimido. No sentido de orientar os pesquisadores que desejem utilizar o pensamento hermenêutico-dialético, sugere-se o percurso metodológico do Quadro 2.

Quadro 2: Preparo para imersão no campo de pesquisa e tratamento das informações

PREPARAÇÃO EPISTEMOLÓGICA	<p>Fundamentação teórica Investigar exaustivamente as implicações teóricas do pretense estudo, não apenas atentando-se a literatura científica em Saúde, mas principalmente as bases sociológico-antropológicas e históricas que se refiram à temática. É fundamental a postura de adotar o talhe qualitativo da pesquisa em Saúde Coletiva como instrumento para dar voz aos silenciados/oprimidos pela determinação social do fenômeno. Caso não seja esta a intenção ou a possibilidade do projeto, recomenda-se a busca por outra vertente metodológica ou mesmo outra tradição de pesquisa.</p>
	<p>Adequação temática Definir a temática da pesquisa, no sentido de avaliar sua adequação ao enfoque hermenêutico-dialético, ou seja, questionar-se se o fenômeno é passível de interpretação e crítica histórico-dialética, e se há potencial para transformação social em Saúde Coletiva. Evocando uma preocupação habermasiana, há que se cuidar para que a ideologia do pesquisador não subjogue o fenômeno investigado à tradição do primeiro.</p>
	<p>Eleição de instrumentos A escolha das técnicas para o levantamento de informações não pode ser julgada ingenuamente. Há opções ideológicas em primar por determinada técnica em detrimento de outras. É fundamental que o pesquisador em Saúde Coletiva tenha sempre em mente os motivos que o levaram a elegê-las, já que este passo permite a construção do texto/fonte de informações a ser interpretado. Daí a opção deve fundamentar-se na busca das técnicas que emirjam no maior número de perspectivas sobre o fenômeno investigado. Por exemplo, se a temática pressupõe possibilidade de perspectivas diferentes e/ou mesmo contraditórias sobre o fenômeno quando tomado individualmente e coletivamente, é interessante associar grupo focal - técnica que prima por produto coletivo e não individual (Morgan, 1997) – e entrevistas individuais – que possibilita imersão na perspectiva do sujeito. Mesmo com relação a esta última técnica, o pesquisador há que definir o grau de profundidade empírica das informações, optando por roteiro semi-estruturado ou entrevista em profundidade/não estruturada. Em se tratando de uma postura hermêutico-dialética em Saúde Coletiva, deve-se tomar cuidado redobrado para não deixar de dar voz a maioria das perspectivas sobre o fenômeno. Caso contrário, corre-se o risco de subverter a interpretação futura do fenômeno puramente à ideologia que norteia o pesquisador e sua pesquisa, incorrendo em posição tendenciosa prejudicial à crítica e a reflexão histórico-dialética.</p>
IMERGIR NA EMPÍREA	<p>Determinação dos atores sociais Neste momento é interessante determinar os atores sociais que emblemizam estas contradições, tomando como base as forças ideológicas e de interesses que permeiam/constroem/modulam o fenômeno em Saúde Coletiva.</p>
	<p>Dar voz às perspectivas contraditórias Estes atores devem ter voz na pesquisa, com uma ou mais técnicas elegidas no momento anterior do processo. Quanto maior o número de técnicas envolvidas, mais amplo será o produto para interpretação, o que permitirá uma imersão mais profunda na temática e em suas perspectivas. Ressalta-se a necessidade de cuidado de não se dar voz apenas a uma tradição/ideologia, como por exemplo investigar apenas o sujeito que sofre discriminação em uma pesquisa sobre preconceito em Saúde Coletiva. É fundamental levantar a perspectiva de quem comete a discriminação. Caso as técnicas que foram eleitas anteriormente não sejam suficientes, há que se ampliá-las.</p>

	<p>Imergir na empírea, não 'dobrá-la' à razão</p> <p>Como já ressaltando no presente manuscrito, a hermenêutica-dialética é uma postura de pesquisa, mais do que um protocolo rígido. Em grande parte das investigações qualitativas, aspectos não previstos, contradições não percebidas antes da imersão, perspectivas inusitadas surgem no transcorrer do levantamento de informações. Estes momentos são de riqueza inestimável ao pesquisador em Saúde Coletiva que adota esta vertente metodológica, uma vez que é presunçosa a postura do pesquisador que acredita saber a priori o que o empíreo lhe oportunizará. Não apenas no sentido fenomenológico estrito, mas também se deve levar em conta que, já que a pesquisa qualitativa levanta perspectivas, há forte possibilidade de que o fenômeno se manifeste de maneira mais ampla, antagônica ou distinta do que o pesquisador presume anteriormente a imersão.</p>
EMERGIR DA EMPÍREA	<p>Substrato para o tratamento</p> <p>A comunicação e seu registro é a fonte para o tratamento hermenêutico-dialético. Os produtos dos grupos focais, as entrevistas individuais, as observações, diários de campo, entre outros substratos, devem ser inicialmente tomados pelo pesquisador que deve avaliar as potencialidades existentes em seus componentes para levantar as perspectivas dos fenômenos investigados em Saúde Coletiva. Neste momento é imprescindível a análise crítica das técnicas empregadas. Como por exemplo, do Grupo Focal origina-se um material que é produto de relação, vez que o sujeito somente expõe seu pensamento em relação ao que outros falam ou se calam. Dessa forma, é pouco recomendável tomá-lo como simples perspectiva do sujeito, já que é relacional. Paralelamente, as entrevistas individuais pautam-se na visão do entrevistado, havendo certa carga relacional e que se refere à empatia entre entrevistador e este. A observação é uma técnica rica, mas polarizada pela visão do observador, de forma que é uma visão de um sujeito externo aos processos, mesmo quando participante. Todas estas técnicas trarão suas contribuições para o entendimento do fenômeno investigado, mas deve-se ter em mente de onde partem por que problemas de delimitação epistemológica podem ocorrer na interpretação, caso não se tome cuidado em apontar as potencialidades e limitações das técnicas empregadas. Outra questão fundamental é a da saturação epistemológica ou amostragem em pesquisa qualitativa.</p>

No Quadro 3 apresenta-se a matriz interpretativa utilizada para tratamento dos dados empíricos e sínteses de processo de pesquisa, como exemplo.

Quadro 3: Exemplo de utilização de processo hermenêutico-dialético em pesquisas em Saúde Coletiva, através de matriz interpretativa crítico-reflexivo.

Etapa Hermenêutica			Etapa Dialética		Síntese Hermenêutica Dialética
<i>Legitimação</i>	<i>Interpretação</i>	<i>Saturação</i>	<i>Questionamentos emergentes</i>	<i>Dialética</i>	<i>Síntese e superação</i>
<p>Dado recortado (fala com maior significado dentro do material empírico acerca da intencionalidade de pesquisa e transformação social visada pelo pesquisador.</p>	<p>Interpretar o dado recortado, buscando a raiz do que está sendo dito.</p>	<p>Indícios oriundos do material empírico, que existe recorrência de significados no fenômeno pesquisado.</p>	<p>Contextualização histórico-social e crítico reflexiva da manifestação que emerge no fenômeno após a interpretação.</p>	<p>Articular o produto do processo com a fundamentação teórica, na busca de contradições histórico-sociais do fenômeno pesquisado.</p>	<p>Fusão das principais interpretações do produto do processo, questionamentos emergentes, dos silêncios (significados não explícitos, mas que permeiam o objeto) e das contradições sócio-históricas implicadas no fenômeno/interpretação. É importante ressaltar que nesta etapa o pesquisador deve ter vista na melhora social do contexto investigado.</p>
<i>Exemplo*</i>					
<p>"(...) eles têm pouca realidade do povo daqui, e o povo daqui tem dificuldade de se comunicar, eles têm dificuldade de se comunicar, então isso ta dificultando muito porque, eles não sabem te dizer onde realmente dói,</p>	<p>O médico tem dificuldade</p>	<p>Interpretações semelhantes apareceram nos depoimentos dos seguintes</p>	<p>O médico apresenta preparo acadêmico para busca de sinais e sintomas. Também</p>	<p>A formação acadêmica ainda se pauta em um modelo biomédico, que preconiza a busca semiológica. No entanto, o PSF se pauta em uma abordagem mais ampla dos processos de saúde e adoecimento, inclusive na realidade cultural, o que não</p>	<p>A falta de Educação Permanente, acrescida a formação com caráter 'biológicoista' e fragmentada dos médicos; somando-se às peculiaridades de uma população indígena, tomam a</p>

<p>e não sabe te dizer o que ta sentindo, e eles acham que é gastrite e mandam pra Manaus" (<i>Farmacêutica1</i>)</p> <p>"tem muitos casos que eles chegam chorando, não querendo ir, mas o médico encaminhou, então a gente ver que deveria melhorar mais essa parte de assistência, até de se comunicar com o pessoal daqui" (<i>Grupo Focal 2</i>)</p>	<p>para entender a realidade dos usuários do PSF no município de São Gabriel da Cachoeira (AM)</p>	<p>sujeitos:</p> <p><i>Farmacêutica1</i> <i>ACS1</i> <i>ACS4</i> <i>ACS12</i> <i>ACS23</i> <i>Enfermeiro1</i> <i>Enfermeiro4</i> <i>Usuário2</i> <i>Usuário72</i> <i>Grupo Focal 2</i> <i>Grupo Focal 4</i></p>	<p>apresenta recursos de intervenção além do encaminhamento. O PSF se pauta em horizontalidade com o usuário, e imersão na realidade da equipe junto a este.</p>	<p>aparece nas falas, mesmo em um município com 96% de população indígena, sendo que as peculiaridades dos povos indígenas são "invisíveis" de certa forma aos médicos, segundo os depoimentos. Inexiste preparação específica para estes profissionais atuarem junto a esta população, que são em sua maioria militares de outras Regiões do Brasil, segundo análise documental.</p>	<p>comunicação falha, não apenas no sentido de entendimento da palavra, mas de entendimento do paciente. Um caminho para superar este quadro seria a institucionalização de Estratégias de Educação Permanente, principalmente para profissionais de outras regiões do Brasil que chegam pelo serviço militar para atuar em São Gabriel da Cachoeira (AM).</p>
---	--	---	--	---	--

* Os dados apresentados são oriundos do Projeto "Saúde da Família no Estado do Amazonas e a operacionalização dos princípios do SUS", processo CNPq 470165/2008-1, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, sob protocolo CEP/UFSC 121/09-FR259768.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Loewenson R. Epidemiology in the era of globalization: skills transfer or new skills? *International Journal of Epidemiology* 2004; 33(5): 1144-1150.
- Pearce N. The globalization of epidemiology: introductory remarks. *International Journal of Epidemiology* 2004; 33(5): 1127-31.
- Kuhn TS. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva; 2003.
- Stotz K, Griffiths PE, Knight R. How biologists conceptualize genes: an empirical study. *Studies in History and Philosophy of Sciences* 2004; 5(4): 647-73.
- Denzin NK, Lincoln YS. *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks: Sage Publication; 2008. p.1-3.
- Latter P. This is Your Father's Paradigm: Government Intrusion and the Case of Qualitative Research in Education. *Qualitative Inquiry* 2004; 10(1): 15-31.
- Maxwell JA. *Qualitative Research Design: An Interactive Approach*. Thousand Oaks: Sage Publications; 2005.
- Van Manen M. *Researching lived experience: human sciences for a action sensitive pedagogy*. Ontario: The Althouse Press; 1990.
- Tesch R. *Qualitative research: analysis types and software tools*. New York: Falmer; 1990.
- Mills MB, Huberman MA. *Qualitative data analysis: an expanded sourcebook*. 2ª ed. Thousand Oaks (California): Sage Publications; 1994.
- Creswell JW, Clark VLP. *Designing and conducting Mixed Methods Research*. Thousand Oaks: Sage Publications; 2007.
- Baumann SL. Toward a global perspective of the human sciences. *Nursing Sciences Quarterly* 2002; 15(1): 81-4.
- Di Napoli RB. Ética e a compreensão do outro: a ética de Wilhelm Dilthey sob a perspectiva do encontro interétnico. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2008.
- Amaral MNCP. Dilthey – conceito de vivência e os limites da compreensão nas Ciências do Espírito. *Trans/Form/Ação* 2004; 27(2): 51-73.
- Gadamer HG. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes; 1997.
- Ricoeur P. *Hermeneutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes; 2011.
- Koch T. Implementation of a hermeneutic inquiry in nursing: philosophy, rigour and representation. *Journal of Advanced Nursing* 1996; 24(2): 174-184.
- Lawn C. *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.
- Gadamer HG. *Philosophical Hermeneutics*. London: University of California Press; 1976.
- Grondin J. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Editora Unisinos; 1999.
- Habermas J. *Dialética e Hermenêutica*. São Paulo: L&PM; 1987.
- Habermas J. *A lógica das ciências sociais*. Petrópolis: Editora Vozes; 2009.
- Stein E. *Dialética e Hermenêutica: uma controvérsia sobre método e filosofia*. In: Habermas J. *Dialética e Hermenêutica*. São Paulo: L&PM; 1987.
- Minayo MCS. *Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social*. In: Minayo, MCS, Deslandes SF (Org.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2002.
- Paim JS. *Planejamento em Saúde para não-especialistas*. In: Campos GWS, et al (Org.). *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Fiocruz; 2006, p.767-82.
- Morin E. *Epistemologia da complexidade*. In: Schnitman DF (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. p.274-86.
- Morin E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Editora Sulina; 2007.
- Ianni AMZ. *Entre o biológico e o social: um estudo sobre os Congressos Brasileiros de Epidemiologia, 1990-2002*. *Rev bras epidemiol* 2008; 11(1): 24-42.
- Silva LAV. *Saúde e produção de sentidos no cotidiano: práticas de mediação e translingüística bakhtiniana*. *Interface - Comunic Saude Educ* 2003; 7(13): 135-146.
- Spagnol CA. (Re)pensando a gerência em enfermagem a partir de conceitos utilizados no campo da Saúde Coletiva. *Ciênc saúde colet* 2005; 10(1): 19-127.
- Lawler J. *Phenomenologies as research methodologies for nursing: from philosophy to researching practice*. *Nursing Inquiry* 1998; 5(2): 104-111.
- Hoeller K. *Phenomenology, psychology and science, II. Review of Existential Psychology and Psychiatry* 1982; 18(2): 43-154.
- Schwandt TA. *Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry*. In: Denzin NK, Lincoln YS (Org.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage; 1994. p.118-137.